

Análise dos dados e os eixos temáticos

Fabiola Colombani Luengo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LUENGO, FC. *A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 142 p. ISBN 978-85-7983-087-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

5

ANÁLISE DOS DADOS E OS EIXOS TEMÁTICOS

*Eu vim procurar e tu me disseste,
deste feito agora me pego a pensar
que o mais importante de tudo
é o desnudo, que somos capazes
de ver e de enxergar.*

Fabiola Colombani Luengo

Com o intuito de ordenar os dados obtidos, optamos por definir alguns eixos temáticos, com a finalidade de abrigar recortes descritivos das observações, das entrevistas, dos relatos escritos e das conversas informais. Esses eixos foram definidos a partir de temas que consideramos relevantes para análise das informações obtidas. Já as entrevistas serão relatadas de modo que se tenha uma visão geral das principais respostas obtidas.

A partir de tais dados é possível se ter uma visão mais ampla das questões propostas pelo trabalho, atribuindo significado à fundamentação teórica. Antes de iniciar a descrição dos eixos temáticos e a apresentação dos dados, é necessário que seja relatado como se deu o início da entrada no campo.

Como já foi dito no capítulo anterior, já éramos conhecidas pelos educadores tanto da creche quanto da escola de educação in-

fantil, por exercer o cargo de psicóloga escolar do município em questão. Não se pode descrever se esse foi o motivo que influenciou a boa recepção que ocorreu nas duas instituições. Não houve em nenhum momento recusa dos funcionários em participar da pesquisa. Porém, é de se esperar que a presença de pesquisadores na instituição sempre cause certo desconforto.

No início, as pessoas demonstraram insegurança e dúvidas em relação ao trabalho, o que fez com que necessitássemos esclarecer os objetivos da pesquisa para que todos sentissem o desejo espontâneo de participar. Essa certa “insegurança” por parte dos educadores é compreensível e se deu, em nossa opinião, por um fator externo. Trata-se de um município muito politizado, no qual dois partidos dividem a cidade em situação e oposição. Por ter sido iniciada a pesquisa de campo no final de 2007, houve dúvidas em relação a nossas reais intenções, pois um concurso público estava para ser efetuado nos primeiros meses de 2008, antes que houvesse o impedimento de contratações e concursos, por se tratar de um ano eleitoral. Os funcionários chegaram a indagar se o trabalho de pesquisa seria uma forma de supervisioná-los no rendimento e na qualidade profissional. A partir de uma reunião realizada durante a HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), ficaram esclarecidos os objetivos da pesquisa e a dissociação desta em relação às situações políticas. A partir daí iniciou-se o trabalho de campo, com as observações que só terminaram com a aplicação do questionário.

Outro fator relevante em nossa opinião é a característica socioeconômica do município, pois se trata de uma cidade de aproximadamente 4.200 habitantes, em que a fonte principal de renda é a agricultura e o corte da cana. Embora seja um município considerado estância, não há nenhum atrativo turístico e apresenta vários problemas habitacionais e de saneamento básico.

A população rural corresponde a 50% da população urbana e podemos dizer que é um município pobre, onde o índice de analfabetismo ainda é muito grande. Muitas das famílias dependem de programas federais como Bolsa Família e Renda Cidadã, entre ou-

tros. Uma análise realizada conforme os dados do senso de 2000 apresentados no site da Fundação Seade,⁴ mostra que

os responsáveis pelos domicílios auferiam, em média, R\$ 431,00, sendo que 76% ganhavam no máximo três salários mínimos. Esses responsáveis tinham, em média, 4,6 anos de estudo, 22,2% deles completaram o ensino fundamental, e 15,3% eram analfabetos. Em relação aos indicadores demográficos, a idade média dos chefes de domicílios era de 48 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 14,2% do total. As mulheres responsáveis pelo domicílio correspondiam a 19,8% e a parcela de crianças com menos de cinco anos equivalia a 8,9% do total da população.

A pesquisa de campo pode proporcionar um maior contato com o problema estudado nesta pesquisa. Além de conhecer a dinâmica escolar sob uma ótica investigativa, os dados coletados poderão contribuir para uma análise mais efetiva sobre a questão da indisciplina e sua relação com o diagnóstico de TDAH. Pela leitura das queixas e das entrevistas dos educadores, foi possível perceber a inconsistência da prática educativa com crianças pequenas e as contradições que ali surgiram.

É fato que a escola sempre foi palco de controle e disciplina-mento, porém o que vemos hoje é uma substituição da ação pedagógica pela necessidade médica. Os castigos e as punições parecem ter sido superados e em seu lugar chegam os medicamentos e os extensos tratamentos médicos e psicológicos.

Eixos temáticos

- a) Rotina
- b) Religiosidade
- c) Patologização/medicalização

4. Sistema Estadual de Análise de Dados.

- d) Relação professor-aluno
- e) Apostila
- f) Indisciplina (atitudes tomadas)
- g) Controle e disciplinamento
- h) Encaminhamento de alunos/diagnósticos

a) Rotina

A rotina é um fator importante a ser observado no contexto escolar, pois a partir desse eixo é possível perceber as atividades propostas no cotidiano pedagógico e se elas são adequadas para a educação infantil. A partir dela também é possível analisar a sua constituição, se segue um aspecto rígido ou flexível, que respeita e concebe a criança como um ser livre, autônomo e criativo.

A creche foi o primeiro local observado, com o intuito de conhecer melhor a rotina das crianças da educação infantil que também frequentam a creche.

Ao todo 97 crianças estão matriculadas na creche, porém, destas, somente 62 frequentam a educação infantil, por já estarem em idade pré-escolar, ou seja, entre 3 e 5 anos de idade.

Para as crianças que frequentam somente a educação infantil, elas chegam direto à escola e aquelas que também frequentam a creche possuem outra rotina. De manhã passam pela creche e vão para a escola e às 12h00 voltam pra a creche.

Ficou perceptível que é o lugar da assistência, no qual as crianças chegam no horário das 6h30 às 7h da manhã e, quando necessário, tomam banho, colocam o uniforme, tomam o café da manhã e, em seguida, são acompanhadas pelas monitoras até a Emei (Escola Municipal de Educação Infantil), que se localiza no mesmo quarteirão.

Quando foi perguntado se essa rotina é igual para todos, a diretora respondeu:

Diretora: Não, tem crianças que chegam aqui cheirando xixi, parece que nem tomaram banho no dia anterior. Na segunda-feira

muitas chegam com a mesma roupa que saíram daqui na sexta-feira, parecem nem ter se alimentado, já outras são bem cuidadas, mas isso é a minoria.

Pesquisadora: O que vocês fazem quando a criança chega dessa forma?

Diretora: Então... Alguém tem que parar tudo, dar um banho nessa criança e colocar uniforme nela, sempre tem uniforme sobrando aí, pra quando acontece isso. Aqui temos falta de funcionários, na hora que a coisa aperta até as faxineiras e as cozinheiras ajudam no cuidado com as crianças. Aqui tem muita criança pra pouco funcionário. E quando tem criança doente então? É uma loucura, os pais trazem o remédio e a gente que tem que lembrar de dar.

As funcionárias da creche, mesmo descontentes com esse tipo de função, cuidam da higiene pessoal da criança por se colocarem num papel de cuidadoras, prática semelhante às primeiras creches que surgiram no final do século XIX, que apresentavam um cunho caritativo e assistencialista. Porém, até hoje a creche é uma instituição que não dispõe de uma identidade bem definida, mesclando as funções da família e da escola.

A creche sempre foi vista como um lugar de assistência à criança pobre e, conforme aponta Constantino (2003, p.13), “mediante a nova LDB (Lei n. 9.394/1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, as creches e pré-escolas deverão integrar-se ao sistema educacional regular”; contudo, na realidade observada não há nenhum tipo de trabalho pedagógico na creche, pois as funcionárias são monitoras concursadas no cargo de serviços gerais, sem formação específica na área da educação.

Rotina das crianças que frequentam a creche e a educação infantil

Rotina diária:

- Bate o sinal.
- Forma-se uma fila com cada classe.
- Fazem oração (Pai-Nosso e Ave-Maria).
- Cantam músicas religiosas (Agradecimentos e Boas-vindas).
- Cantam o Hino Nacional.
- Ao entrar na sala de aula todos devem se sentar em silêncio e esperar a professora iniciar com os dez mandamentos da boa conduta.
- As atividades se iniciam com a hora do conto, que é feita em roda.
- Verificação da tarefa.
- Continuidade da apostila.
- Hora do recreio, 30 minutos. Oração de agradecimento pela refeição oferecida.
- Ao bater o sinal, forma-se novamente a fila de entrada.
- Retorna-se à sala de aula para retomar a apostila.
- Aplicação da tarefa de casa.
- Atividades semanais⁵ – Cada dia a criança participa de uma atividade.
- Retorno à sala de aula novamente em fila.
- Guardam seus materiais.
- Organizam a fila de saída.
- Aguardam o sinal, no qual a professora os leva em fila até o portão.
- Os familiares pegam as crianças que vão embora e as crianças da creche são acompanhadas pelas monitoras.

5. Essas atividades acontecem uma vez por semana. Por exemplo: visita ao parque, educação física, informática, sala de vídeo e brinquedoteca.

Continuidade da rotina na creche, após chegarem da escola:

- Almoçam.
- Escovam os dentes.
- Hora do sono, que é obrigatória. Quem não dorme deve ficar deitado em silêncio.
- Parque.
- Café da tarde.
- Escovam os dentes.
- Brincadeira livre.
- Por volta das 17h, os pais começam a chegar e o ônibus leva aqueles que moram na área rural.

A rotina somente é modificada quando há o preparo de alguma data comemorativa (Páscoa, Dia das Mães, festa junina, Dia dos Pais, etc.). Nesse caso, os alunos não participam das atividades corriqueiras, pois necessitam ensaiar danças ou peças teatrais, conforme cada comemoração.

A instituição escola adota, desde a educação infantil, uma forma severa de funcionar, com o intuito de manter a ordem e a produção, exigindo que a criança se mantenha participativa nas atividades diárias, mantendo um funcionamento mecânico que “lubrifica” a engrenagem escolar. O planejamento pedagógico é um exemplo, quando visto da perspectiva de organização padronizada da relação ensino-aprendizagem, pois tem como objetivo o alcance de uma produtividade que demanda a excelência de educadores e alunos, muito semelhante ao modelo industrial que exige do operário o cumprimento de várias metas.

Pesquisadora: Pelo que pude perceber, na educação infantil há poucos momentos lúdicos em que a criança pode brincar livremente. Você concorda com essa minha observação?

Professora 1: Sim, de fato isso realmente acontece, pois o conteúdo da apostila é muito denso e temos que dar conta. Eu acho que essas crianças deveriam brincar mais, mas ao mesmo tempo fico em

dúvida porque elas já brincam tanto em casa e na rua, aqui elas têm a oportunidade de aprender e se preparar pro futuro. Tem criança aí que se a gente não puxar, não vai dar nada, porque muitas famílias não estão nem aí.

Pensando a história da educação, podemos localizar uma semelhança dessa fala com os ideais progressistas, que viam na escola um lugar preparatório para que a criança desde a mais tenra idade pudesse se adaptar a uma rotina intensa de trabalho, aumentando a sua capacidade de futuramente produzir com eficiência para colaborar com o avanço econômico do país, e o ócio representava um risco para esse tão almejado progresso social.

E hoje o que vemos? Crianças desde muito pequenas com um ritmo acelerado, uma agenda cheia de compromissos e um mercado de trabalho a sua espera cada vez mais exigente, numa sociedade em que a lógica capitalista pretende fazer do homem uma máquina de conhecer e produzir, pois, ao seguir um imediatismo absoluto, ele necessita desde a infância se manter em constante superação e excelência, rompendo com seus limites e necessidades.

b) Religiosidade

O eixo religiosidade pôde possibilitar uma compreensão sobre a instituição escola e as leis que a movimentam. A religião exerce poder nas normas da sociedade e por esse motivo é importante observar a sua presença na escola, para verificar se as atitudes no ambiente escolar sofrem influência religiosa, verificando tratar-se ou não de mais um instrumento disciplinador.

Além dos cantos religiosos na fila de entrada, houve várias vezes a presença da religiosidade, como se esta fosse um instrumento auxiliar na prática pedagógica, tanto em ensinamentos de respeito e amor ao próximo quanto nos apontamentos morais e no controle do comportamento da criança.

Quando foi perguntado qual seria o objetivo de cantar músicas religiosas na entrada, algumas professoras disseram:

Professora 1: A gente canta pra ensinar essas crianças coisas sobre Deus, pra mostrar que existe um Deus acima de tudo e que precisa ser respeitado e seguido.

Professora 2: Além de cantar eu falo de Deus na sala e digo que é muito feio brigar com o amiguinho, Deus não gosta disso, Deus castiga criança briguenta.

Conforme as falas das professoras 1 e 2, podemos perceber que a religiosidade se torna um aparato modelador, por meio de uma forma de controle, relacionando a desobediência a um castigo punitivo divino, ou seja, ao repreender e castigar em nome de Deus é como se a conduta repressora não estivesse sendo feita por mãos humanas, o que tira a responsabilidade de quem aponta e pune o comportamento considerado desviante.

Durante as aulas que foram acompanhadas, houve algumas falas que parecem relacionar a religião com a moral e a ordem, são elas:

- *Assim é feio, Papai do Céu não gosta.*
- *Papai do Céu não gosta de criança assim.*
- *Papai do Céu tá vendo o que você tá fazendo, viu?*

A religião dotada de moral exerce em suas leis um domínio a cada ação indesejada, pois com suas regras e normas próprias deixa estabelecido o que é certo e errado.

Professora 3: Sou evangélica e acho que a gente tem que trazer a palavra de Deus pra escola. Eu gosto de falar de Deus pra eles por que às vezes parece que essas crianças nem têm religião sabe? Não têm noção dessas coisas e aí a gente falando quem sabe isso vai entrando neles. Isso é um ato de amor.

Supomos que a religiosidade na escola é herança de uma educação jesuíta que pretendia “civilizar” uma sociedade que, ao ser estruturada, precisava seguir normas e valores condizentes com os ideais da Igreja.

Para Costa (1989), a educação jesuíta propunha o controle por meio de preceitos gerados a partir dos interesses da cristandade, exercendo um controle eficiente desde a infância, com o objetivo de tirar dos alunos os comportamentos viciosos, inculcando nestes hábitos de obediência e submissão. Além disso, as instituições escolares eram fundamentadas “em princípios cristãos de ajuda de amor ao próximo, com o objetivo de obter recompensas e alcançar o céu” (Constantino, 2000, p.46).

c) Patologização/medicalização

A patologização e a medicalização são assuntos que movem esta pesquisa e, por isso, faz-se necessário que haja um eixo capaz de abrigar dados que mostrem a ocorrência dessas questões no cotidiano da educação infantil.

A educação ainda oferece espaço para práticas higienistas, como medicar crianças na escola, cuidar da higiene pessoal e solicitar ajuda de profissionais da área da saúde para auxiliar no desenvolvimento educacional da criança.

Durante o segundo dia de observação na creche, a monitora veio dizer que, além dos cuidados com a criança, os pais ainda deixam a responsabilidade de dar remédios aos filhos e que ela não achava isso certo.

Pesquisadora: E quais são os tipos de remédios que vocês dão aqui com maior frequência?

Monitora: Sei lá, só sei que é faixa preta, mas não lembro os nomes dos remédios, vou buscar, mas muitas crianças tomam lá na escola, algumas caixinhas ficam lá.

Trouxe nove caixas de psicotrópicos, entre eles, Ritalina, Tegretol, Aldol, Rivotril e Risperidona, todos remédios controlados com receita azul e amarela.

Pesquisadora: Você sabe os motivos pelos quais as crianças tomam esses medicamentos?

Monitora: As mães me falaram que as crianças tomam isso por que o médico deu, as crianças são muito agitadas e na escola não dão sossego.

Com o aval das ciências médicas, crianças ainda muito pequenas já se encontram vulneráveis por manifestarem comportamentos que o professor não consegue dominar. Ao tentar moldar a criança, surge a patologização escolar, que é uma forma de vigilância que aponta os comportamentos considerados socialmente como “desviantes”. Posteriormente, com o intuito de saná-los, pune-os medicalizando por apresentarem ações consideradas “negativas”.

Pesquisadora: Sempre houve várias crianças fazendo uso de remédios controlados, aqui na creche?

Monitora: Trabalho aqui há 16 anos, sempre teve sim, mas nos últimos anos isso vem piorando. Conheço muitas crianças que tomam remédio assim. Lá perto de casa tem um menino de dois anos que toma, mas também parece que tem pilha nas costas, não para quieto. Mas o pior é quando a criança tá tomando e para de repente, por que a mãe esquece de trazer.

Pesquisadora: O que acontece?

Monitora: Vixe! Ficam mais agitadas ainda, parece que falta alguma coisa.

Ao conversar com a diretora sobre os problemas enfrentados pela escola, ela disse que esses transtornos parecem estar piorando e que está muito difícil trabalhar na educação. Notou que nos últimos anos, a mídia vem noticiando muito sobre esse assunto e completou dizendo:

Diretora: A coisa deve estar pior em todas as escolas, eu vejo aqui, as crianças não param, não querem dormir, não obedecem, têm dificuldade de respeitar as regras, nesses casos o remédio é um excelente recurso.

Enquanto isso, uma menina se aproximou dizendo que havia ganhado uma boneca e que seu nome era Camila. A diretora disse, na frente da menina, que essa era uma das crianças que dava trabalho pra dormir.

Diretora: Pedi ao pai dela que a levasse ao médico, agitada demais, quer brincar o tempo todo, não descansa um minuto, depois do remedinho melhorou um pouco, mas ainda não é o suficiente, parece que tem pilha nas costas.

Ela chegou a comentar que viu no *Jornal Nacional* uma reportagem sobre crianças hiperativas e comentou sobre o dado estatístico apontado, pois na televisão falaram que entre 5 e 10% das crianças possuem tal transtorno e que é necessário tratar com medicamento.

É comum, pelo que foi observado, medicar as crianças na escola, tanto com psicotrópicos quanto com outros tipos de medicamentos. Durante uma conversa com a diretora da Emei, chegou uma criança queixando-se de dor de cabeça, imediatamente ela deu algumas gotas de dipirona à menina. Quando a criança voltou para a sala, medicada, ela mostrou uma caixa de sapatos com vários remédios e disse que cada criança deixa sua caixinha ali e na hora do recreio ela administra a medicação. Como faltava pouco tempo para tocar o sinal, aguardamos para observar como eram dados os medicamentos e perguntamos se essas crianças tomavam remédio havia tempo. Ela respondeu que sim: algumas começaram recentemente e outras só tomam em casa. A maioria das caixas de medicamento era de Ritalina (metilfenidato).

Sem que ela necessitasse chamar, as crianças vieram até a diretoria, formaram uma fila e ela distribuiu copos com água e, em seguida, entregou a medicação para cada uma delas. Após terem tomado, as crianças foram comer a merenda com os outros.

Houve vários episódios em que os educadores apontaram a criança como sendo hiperativa, isso diante de algumas atitudes apresentadas, como falar muito na sala, dispersar a atenção durante

a atividade proposta, pedir para ir ao banheiro várias vezes, recusa em cumprir a tarefa, etc.

Através da observação e das respostas do questionário, podemos perceber que a maioria dos educadores é a favor da medicação para o controle do comportamento infantil. Houve, porém, um questionamento por parte de uma professora que estava substituindo outra. Ela acompanhou uma reunião de pais e vários deles comentaram que seus filhos estavam tomando remédios para ficar mais calmos. Por esse motivo ela questionou o fato dizendo:

Professora: Menina, tô impressionada com o número de crianças que tomam calmante nessa sala. De 16 crianças, 7 tomam algum tipo de remédio faixa preta. O que é isso? Moda?

Diretora: Mas se não tomar remédio, o que a gente faz com essas crianças impossíveis? Quando eu era professora não tínhamos esse recurso, os professores e as crianças sofriam ainda mais. Eu concordo com a medicação, até o meu filho toma Ritalina.

Tanto o comentário da professora quanto o da diretora são pertinentes, pois, ao se mostrar impressionada com o número de crianças que tomam medicamentos faixa preta, podemos perceber que os dados anunciados no site do Idum,⁶ já estão sendo percebidos na realidade escolar. E a fala da diretora, deixa evidente que a “droga da obediência” representa hoje um auxiliar pedagógico e, antes de se pensar em métodos mais específicos que venham a responder aos ideais da criança, pensa-se em controlar o seu comportamento, tirando-lhe o direito de expressar-se e fazer suas próprias escolhas.

Pelos dados colhidos, percebemos que, desde muito pequenas, ainda na creche, as crianças começam a fazer uso desses psicotrópicos e chegam ao ensino fundamental dependentes, necessitando continuar a usar as drogas. Durante o tratamento, muitas crianças necessitam retornar ao médico antes do tempo planejado, por apre-

6. Ver com maiores detalhes na página 76.

sentarem reações não esperadas e na maioria das vezes outras drogas são acrescentadas. Além dos efeitos colaterais comuns, muitas crianças apresentam anorexia e consequentemente anemia, deixando a criança desanimada, isso confunde as professoras, que dizem não saber se estão doentes ou apáticas.

Pesquisadora: Você sente diferença na criança que faz uso de remédios como a Ritalina?

Professora 1: Sim. A criança fica muito mais calma e obediente, fica sentada por mais tempo e se concentra melhor.

Professora 2: Sim. Percebo que fica mais controlada, mas fico me perguntando se esse remédio trata realmente ou apenas controla o comportamento, porque quando a gente esquece de dar, a criança já fica esquisita, alterada, sei lá...

Professora 3: Sim, mudam muito, ficam mais obedientes, o meu filho também toma e no começo ficou mais agitado, mas aí a médica acrescentou outro remédio e ele ficou mais calmo.

Pesquisadora: Qual é esse outro remédio, você se lembra?

Professora 3: Não, esqueci agora, é um remédio da caixinha branca e da letra azul. Sabe o que eu notei de diferença nele e nos meus alunos que tomam? A falta de apetite, o meu filho mesmo comia bem, hoje já não come mais, parece que não tem fome.

Pesquisadora: Você já disse isso à médica?

Professora 3: Sim. E ela disse que isso é comum, o remédio tira a fome e a criança precisa tomar uma vitamina pra não ficar com anemia.

Pesquisadora: E seus alunos, você sabe se eles tomam também vitaminas pra complementar a alimentação deficiente?

Professora 3: Ah! Imagino que não, os pais nem dão o remédio pra criança, se a gente não dá aqui na escola, a criança fica sem tomar.

Usando termos puramente foucaultianos, podemos dizer que a patologização é uma forma de vigilância hierárquica que, ao medicalizar, propõe uma sanção normalizadora que transforma a criança em corpo dócil e alvo de poder.

d) Relação professor-aluno

Consideramos a relação professor-aluno como a mola propulsora da educação, pois dessa relação depende toda a dinâmica da sala de aula, estabelecendo vínculos em que o educador necessita criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, deve possibilitar experiências compartilhadas, propiciando o diálogo, o respeito e a cumplicidade.

Compreender essa relação pode nos indicar como o professor trabalha com a questão da indisciplina, da patologização e da medicalização escolar.

Ao conversar sobre o assunto com a diretora, houve um diálogo muito significativo:

Pesquisadora: Como você considera ser a relação professor-aluno aqui em sua escola?

Diretora: Não acho muito boa não. Temos muitos professores descontentes, parecem que não gostam de trabalhar na educação infantil. Aqui em nossa escola, já percebemos que na sala de aula em que o professor é paciente e criativo o índice de indisciplina é muito baixo; em compensação, a sala em que o professor não se dedica e é rude com as crianças geralmente é a sala que apresenta o maior número de indisciplinados.

Essa fala da diretora nos faz pensar que a indisciplina tem uma analogia com a relação professor-aluno, pois se na sala em que a professora desenvolve um vínculo positivo com as crianças o índice de indisciplina é menor ou até mesmo nulo, é porque as experiências positivas dessa relação interferem no comportamento das crianças. Assim, gostaríamos de aprofundar a questão fazendo outra: se a indisciplina é hoje um dos fatores que mais levam crianças aos consultórios médicos e contribui para o fechamento do diagnóstico de TDAH, podemos dizer então que a relação professor-aluno, quando apresenta problemas, pode influenciar nesse “mau” comportamento e consequentemente no diagnóstico do transtorno levando a criança à medicalização?

Pesquisadora: Mas não são os indisciplinados que mais tomam remédios controlados?

Diretora: Sim. Por isso que às vezes me pego perguntando, embora eu seja a favor dos “calmantes”, será que são as crianças que necessitam tomar remédio ou as professoras? – E completou contando: – O ano passado tinha uma sala muito problemática aqui, foi mudar a professora e os problemas acabaram, a outra gritava o tempo todo. Hoje, é uma sala em que a maioria dos alunos já estão alfabetizados, a professora fala baixo, passeia com eles, organiza brincadeiras enfim, eles gostam muito dela.

Ao observar essa classe, foi possível perceber que se trata realmente de uma sala tranquila, em que as crianças participam com criatividade e desempenham as atividades harmonicamente. A professora parece ser muito querida, ganha presentes, beijos e abraços quando chega, às vezes demonstra firmeza e fica séria, mas eles a respeitam e escutam o que ela quer propor. Assim que todos terminam as atividades, ela sempre desenvolve alguma brincadeira de descanso.

Quando perguntamos a essa professora qual era a sua opinião sobre as conquistas alcançadas com a sala, ela respondeu:

Professora: É, a diretora tem elogiado o meu trabalho, mas nem tudo dá certo, não tenho muita colaboração dos pais e percebo que são crianças pouco estimuladas, carentes, e que lhe faltam coisas básicas como: carinho, alimentação e melhores condições de vida. Por esse motivo, procuro ter muita paciência com todos, mas sempre procurando ensinar pra eles o que é certo e errado.

Essa “carência” presente na escola pública faz da escola um lugar de cuidados em que o professor passa a ser o detentor do saber e ao mesmo tempo do poder cuidador e disciplinador, assemelhando-se à função dos pais, que deveriam cuidar e educar. Dessa forma, os educadores sentem-se, muitas vezes, na obrigação de suprir uma falta familiar.

No entanto, acreditamos que é na relação entre professor e aluno que desembocam todas as questões escolares, pois o funcionamento da escola segue a maneira com que cada protagonista desempenha o seu papel, pois a sala de aula é um lugar de construção onde as diferenças deveriam ser apenas formas diversas de existir.

e) Apostila

Este eixo foi escolhido com o intuito de levantar a opinião dos professores em relação ao uso de apostilas no cotidiano da educação infantil.

A apostila foi implantada pela Secretaria Municipal de Educação e segundo as professoras não houve aviso prévio, apenas um comunicado que causou inicialmente divergentes opiniões. Algumas professoras disseram ter se assustado no início, mas depois a maioria gostou, porque a empresa responsável pelas apostilas oferece capacitações que auxiliam na prática.

O uso da apostila se torna cada vez mais uma prática comum na educação infantil. Inicialmente a proposta educativa para a infância não condiz com o processo de alfabetização logo na pré-escola, porém vem ocorrendo um aceleramento, pois, ao implantar a apostila, ela passou a fazer parte das metas que devem ser cumpridas no planejamento escolar.

Quando foi perguntado o que acham da apostila, algumas professoras deram a sua opinião:

Professora 1: As crianças no início se mostravam entusiasmadas, mas agora parecem não gostar. Penso que é porque a gente exige muito capricho e o trabalho na apostila precisa ser seguido da forma que está lá. Para mim como professora até que foi bom, ajuda a gente no planejamento da aula e a gente não precisa ficar inventando atividades, tá tudo lá.

A apostila é vista por nós como um instrumento que propõem uma educação homogênea e dominadora e, como a professora 1

disse, ao usar a apostila o professor não necessita planejar as aulas, limitando-se a seguir apenas o que está posto lá; isso intensifica ainda mais esse processo de padronização da cultura, pois o professor trabalha com aquilo que o sistema de ensino propôs, sem construir um material que parta das necessidades específicas daquela realidade escolar, impondo o conteúdo e suprimindo o potencial criativo das crianças.

Professora 2: Esse material lembra uma cartilha, mas o problema é que quando a gente manda fazer tarefa em casa e o aluno não traz de volta, no outro dia ele fica sem material pra trabalhar, então, resolvi não deixar levar mais a apostila, prefiro xerocar a folha e no outro dia passam a limpo. Dois trabalhos, mas fazer o quê?

Professora 3: Eu acho uma grande oportunidade para as crianças, pois desde a educação infantil elas passam a ter ensino de qualidade. É a criança da escola pública tendo o mesmo nível do ensino da escola particular. Quem sabe isso ajuda a abrir a cabeça desde cedo?

O discurso da qualidade é algo muito presente na relação capital-educação. O sistema que alavanca o ensino particular no mercado de trabalho é o mesmo que procura igualar o ensino público para que, a serviço do capital, venha aumentar a produtividade por meio de um instrumento de dominação educativa. Esse mesmo aparato que vem para “abrir os horizontes” é o mesmo que domina, assola a criatividade, despotencializa a criança e aumenta a coerção e o disciplinamento da infância.

Professora 4: Eu não gosto da apostila, prefiro o modelo antigo, vejo que os alunos não acompanham. Um dia falei isso pra professora que nos capacita e ela me respondeu que isso acontece porque eu não estou habituada a trabalhar com esse material. Mas isso já faz um ano e até agora não estou convencida de que esse método é melhor do que o convencional.

Professora 5: Eu acho cansativo trabalhar com ela, imagina as crianças, penso que não devem gostar não.

Professora 6: Eu gosto da apostila, porque com ela a gente não precisa planejar tanto a aula, é claro que tem que planejar um pouco, mas a maioria da aula já vem pronta”.

A criança deve obedecer às atividades propostas na apostila. Como não há um rascunho, ela deve ter a atenção para não errar. As professoras sempre enfatizam a importância do capricho e criticam toda vez que veem algo fora dos padrões desejados por elas. No momento em que estão desenvolvendo as atividades da apostila, todos devem permanecer sentados e em silêncio.

Durante uma das atividades em que estávamos na sala de aula, a professora pediu que as crianças desenhassem dentro de um quadrado localizado na apostila. Uma menina perguntou à professora se podia usar a folha toda para desenhar e ela respondeu em tom ríspido:

- *Claro que não! Só dentro do quadrado.*
- *Mas é que o meu sol é grande professora.*
- *Diminui ele, ué.*

Perguntamos à diretora o que ela achava do apostilamento e ela respondeu dizendo:

Acho bom. Com a apostila, o professor é capaz de saber melhor em que fase de alfabetização a criança está. Depois que a apostila foi implantada é que fomos perceber a situação precária que estava a nossa educação e o quanto há crianças com problemas de aprendizagem em nossa escola. Por conta disso, implantamos a provinha, assim podemos saber quem está necessitando de algum reforço. Temos que fazer de tudo pra que a criança vá bem alfabetizada para a primeira série.

A apostila veio padronizar o ensino e estabelecer um parâmetro que possibilite identificar o nível de aprendizagem da criança, ou seja, com a implantação desse material, a criança que apresenta al-

guma dificuldade em acompanhar o conteúdo programático é vista como portadora de problemas de aprendizagem.

Conforme a fala da professora, a *provinha* é outro instrumento utilizado para supervisionar a criança. O sistema de avaliação empregado na educação infantil é semelhante ao aplicado no ensino fundamental, ambos rotulam a criança em apta ou não apta para a nova série. O exame é visto por Foucault (2008) como uma forma de vigilância que classifica com o intuito de punir aqueles que não alcançam o padrão desejado.

f) Indisciplina (atitudes tomadas)

A indisciplina é vista hoje pelos educadores como um dos maiores problemas existentes no âmbito escolar. Esse eixo foi escolhido com o intuito de evidenciar fatos e verbalizações sobre a questão, pois o assunto é de grande importância para os resultados desta pesquisa.

Durante as observações, surgiram várias queixas que revelaram o descontentamento dos professores em relação aos comportamentos infantis. Os conflitos variam, sendo às vezes problemas na relação professor-aluno e outras vezes na relação entre os colegas.

Além das observações no campo, as entrevistas também foram significativas na pesquisa, pois revelaram a opinião das educadoras sobre a proveniência da indisciplina. Para as professoras, a indisciplina varia entre falta de limites por parte da família, problemas psicológicos e transtornos neurológicos na criança. Somente as educadoras que trabalham na administração da escola apontaram a indisciplina como um problema que provém de conflitos no cotidiano escolar, causado por um planejamento educacional inadequado, recursos materiais insuficientes e incompetência pedagógica.

Assim, é perceptível que, na opinião das professoras, o problema está centralizado na criança. Com isso, tiram a responsabilidade do sistema educacional, individualizando a questão. Colocar a indisciplina dessa forma, além de culpabilizar a criança reduzindo-a a problemas orgânicos, psicológicos e familiares, mostra a

forte tendência em manter o sistema educacional como está, visto que não há o que ser modificado nem resolvido.

Por outro lado, quando se fala de disciplina, as opiniões parecem entrar em contradição, pois as educadoras acreditam que mais recursos materiais e um maior espaço físico ajudariam, mas, mesmo assim, o mais importante segundo elas, continuam sendo as regras aprendidas no lar.

Segundo a diretora, nessa idade as manifestações de indisciplina começam nas brigas entre colegas e muitas vezes a criança ofende a professora quando esta tenta separar os envolvidos, pois teme que a briga avance para agressões físicas e, outras vezes, a criança passa a ser chamada de indisciplinada por correr e falar mais do que o desejado pelo professor.

Durante a hora do conto, houve um episódio em que a criança foi levada à diretoria por interromper a professora com comentário considerado “sem sentido”. A diretora, ao questionar o ato, ouviu da professora que o menino não se comporta bem durante a hora do conto, por isso deveria ser disciplinado, sendo colocado de castigo na diretoria. A diretora satisfez o desejo da professora e deixou o menino sentado em sua sala por quase 40 minutos.

A professora justificou a atitude dizendo:

Professora: Esse menino não para! O pior é que ele se junta com outros e fica interrompendo a historinha que estou contando. Quando dou alguma matéria, ele termina e fica atrapalhando os outros. Esse menino não tem limite.

Pesquisadora: Qual tipo de atitude realizada pela criança a deixa mais preocupada, a ponto de sugerir um encaminhamento para algum profissional da saúde?

Professora: Criança elétrica – e continuou –, criança elétrica pra mim necessita de tratamento. Se não tratar ninguém aguenta.

Durante toda a observação, os atos de indisciplina apontados pelas professoras foram brigas entre as crianças e falta de silêncio na sala de aula.

Ao se depararem com essas atitudes consideradas indisciplinadas, duas medidas eram tomadas: a ameaça de contar aos pais e a diretora e a privação de alguma atividade extra, como o parque e a brinquedoteca.

Na brinquedoteca, segundo a funcionária responsável, não entra quem não se comportou bem na aula, como também quem não fala baixo e não se senta quieto. A mesma funcionária disse que, quando uma sala vai à brinquedoteca, ela prefere que a professora responsável não os acompanhe, pois só com ela as crianças se comportam melhor e disse em seguida:

Monitora da brinquedoteca: As professoras passam a mão na cabeça, não deixam que eu chame a atenção, por isso que são assim, não cuidam das coisas e nem se comportam bem.

Como diz Aquino (1996), a escola é um espaço pouco democrático, o que possibilita a obediência e a subordinação, porém os que resistem fugindo do poder normalizador são enquadrados em patologias e levados à medicalização.

Em outro dia de observação, uma criança que foi chamada à atenção por falar muito, segundo a professora, foi levada a diretoria e quando voltou, veio nos dizer:

Aluno: Essa professora é muito chata, ela quer que a gente fique de boca fechada o tempo todo. Ela fala que eu não aprendo, mas quando eu pergunto as coisas ela não responde, acho que ela não gosta de mim.

Um aluno autônomo, ousado e criativo pode ser facilmente confundido com um aluno indisciplinado, pois ele passa a se comportar de modo diferente do que a sociedade impõe, apresentando inclusive certa resistência na dominação imposta pelo sistema escolar.

g) Controle e disciplinamento

Como já foi visto, o controle e o disciplinamento são aparatos próprios das instituições. A escola sempre se apropriou eficientemente disso e hoje essa forma de substanciar o corpo ainda se faz presente. Esse eixo nos possibilita localizar práticas de controle e disciplinamento que se configuram no campo educacional, evidenciando os resíduos deixados por uma sociedade higiênica e disciplinar, que até hoje constrói saber e impõe várias formas de poder. Se o corpo é dócil e alvo de poder, por ser maleável e domesticável, como diz Foucault (2008), na infância isso pode se potencializar ainda mais.

Na prática educacional, há um controle punitivo e ameaçador. Várias vezes o disciplinamento veio pelo controle e a rotina rígida é um exemplo disso. Frases proferidas pelas educadoras demonstram essa rigidez: “*ou se comporta ou ficará na sala na hora da educação física*”; “*Se brigar pelo brinquedo ficará sem, eu guardo, hein!*”; “*Hora do sono é hora de dormir, senão teria outro nome*”; “*Se não comer agora esquece, vai ficar com fome mesmo!*”; e “*Obedecer às regras é dever do aluno, ser respeitado é direito do professor*”.

Ao conversarmos com algumas professoras sobre a indisciplina, surgiu a seguinte questão:

Pesquisadora: O que seria, em sua opinião, uma criança disciplinada?

Profesora 1: Ah! Uma criança disciplinada é uma criança que tem bons modos, já vem de casa sabendo alguma coisa. Tem criança que chega na escola e não sabe nem pegar no lápis, na borracha, na colher... ah! e na tesoura então?

Professora 2: Pra mim, é uma criança que obedece e respeita o professor. É uma criança que segue o ritmo dos outros.

Professora 3: É aquela criança que presta atenção, faz tudo que a gente pede.

Em todas as respostas é possível perceber que a disciplina é vista como um ato de controle, boas maneiras, respeito e obe-

diência ao adulto, mas consideram fundamental a participação da família para que a criança aprenda os limites e os bons modos.

Embora haja todo um discurso voltado para a importância da participação familiar na escola, pudemos perceber que essa relação é limitada, pois somente em dia de reunião os pais entram livremente na escola, nos outros dias deixam a criança no portão e são impedidos de levá-las até a sala, exceto se houver algum assunto de extrema importância a ser tratado.

Essa é uma forma de disciplinar, pois a justificativa dessa norma é manter a ordem e adaptar a criança.

Ao perguntar à diretora por que os pais eram impedidos de entrar, ela nos respondeu:

Diretora: Decidimos não deixar os portões abertos, pois muitas crianças ficam chorando em ver seus pais irem embora e também ficam pedindo para que os pais entrem na sala com elas, isso atrapalha o trabalho da professora, pois com isso ela não pode nem chamar a atenção das crianças na aula. Às vezes os pais ficam com dó de ver a criança chorando e levam embora, assim a criança não se adapta nunca.

Além disso, a prática também é influenciada por essas atitudes disciplinatórias.

Ao observar o Jardim II, nos demos conta de que havia um pêndulo pendurado e perguntamos à professora para que servia aquele objeto.

Pesquisadora: Para que serve aquele objeto?

Professora: Ah! Aquilo é um pendalo.

Pesquisadora: Pendalo?

Professora: Sim, de pendurar no pescoço, assim todos ficam sabendo aonde o coleguinha vai, e enquanto o “pendalo” estiver com outro ninguém vai ao banheiro e o “pendalo” vermelho sinaliza que tem alguém bebendo água.

A professora falou que adorava essa técnica e tinha aprendido quando ainda cursava o magistério, na década de 1960, e que já tinha ensinado para várias colegas, inclusive daquela escola.

A fila é outro instrumento de controle e disciplinamento muito utilizado naquela escola. Pelo menos cinco vezes ao dia as crianças formam fila para se organizar. Além das filas, há algumas frases que antecedem as atividades para que haja um comportamento adequado. Antes de iniciarem as atividades do dia leem os dez mandamentos da boa conduta, que são:

- Não gritar na classe.
- Não fazer bagunça.
- Não correr na sala.
- Dizer por favor.
- Dizer obrigado.
- Dizer com licença.
- Pedir desculpas.
- Não subir na cadeira.
- Não assoviar.
- Usar o *pendalo* (referiu-se ao pêndulo).

Para iniciar a hora do conto, as crianças falam todas juntas a frase: “*Vou ouvir com atenção a historinha e enquanto isso não vou abrir minha boquinha*”. E quando recebem alguma visita na sala de aula, repetem: “*Bom dia! Seja bem-vinda à nossa sala*”.

A visita à brinquedoteca é outro momento em que as crianças não possuem liberdade. A brinquedoteca fica num local pequeno, separado da sala de vídeo por uma divisória de madeira. Sempre há crianças nos dois ambientes e aquelas que estão brincando devem permanecer em silêncio para não atrapalhar as que estão assistindo ao filme. A funcionária da brinquedoteca pede silêncio a todo o momento e durante as vezes em que o local foi observado, ela demonstrou muita irritação com a presença das crianças, pois para ela as crianças são muito desorganizadas e destrutivas.

Os brinquedos são industrializados, doados pela fábrica Estrela e, por esse motivo, a funcionária acredita que devem permanecer intactos. A cada seis meses é elaborado um relatório com o número de brinquedos e, segundo ela, todos estão sob sua responsabilidade. Isso explica a grande quantidade de brinquedos que ainda estão em caixas fechadas, pois ela disse que, se todas forem abertas, em pouco tempo não haverá mais nada. Enquanto a sala era observada, uma criança derrubou uma caixa e ela gritou: “*Cuidado! Assim você vai quebrar tudo, menino*”. Voltou-se para nós e disse: “*A pobreza em casa é tão grande que faz com que eles não saibam nem brincar com essas coisas, por isso destroem*”.

O “zelo” dela com os brinquedos é extremo, a ponto de levar a chave para sua casa todos os dias. Assim, no dia em que ela falta, as crianças ficam impedidas de usar a brinquedoteca e a sala de vídeo.

O disciplinamento está tão presente na rotina escolar que muitas vezes a criança apresenta dificuldade em demonstrar espontaneidade. Ao participar de uma atividade com a professora de educação física foi possível perceber certo “enrijecimento” no corpo das crianças.

A professora deixou claro que na dança poderiam realizar qualquer movimento, podendo explorar todo o pátio, mas, um tempo depois, as crianças ainda andavam em roda uma atrás da outra, sem demonstrar nenhum movimento diferente, como se estivessem robotizados.

O corpo vai ficando visivelmente dominado, pois, ao internalizar a disciplina por um sistema “panóptico”, o corpo se torna docilizado e mesmo que lhe deem o direito a liberdade, ele perde sua genuína ação, pois já se tornou alvo de poder. Como diz Foucault (2008, p.166):

Daí o efeito mais importante do panóptico: induzir [...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade

de seu exercício [...] que se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores.

h) Encaminhamento de alunos/diagnósticos

Esse eixo foi construído com o intuito de organizar os dados obtidos a partir das queixas dos educadores e das cartas de contrarreferência dos médicos, nas quais constam as solicitações de encaminhamentos e diagnósticos dos especialistas. É de suma importância que esses dados sejam conhecidos, pois dessa forma será possível contextualizar, na pesquisa, a patologização e a medicalização escolar.

Crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem e/ou problemas no comportamento são frequentemente encaminhadas ao serviço de saúde. Devido a um grande número de encaminhamentos a médicos neurologistas, a prefeitura firmou um convênio com uma neurologista infantil⁷ que se responsabilizou em atender as crianças de até 9 anos de idade do município.

Há casos de encaminhamentos em que a criança faz o acompanhamento por apresentar alguma patologia neurológica, como: convulsões epiléticas ou febris, distúrbios do sono ou até mesmo cefaleia constante. Porém, na maioria das vezes, as crianças são encaminhadas por apresentarem algum tipo de problema na escola. É frequente, durante a consulta, a solicitação da neurologista por terapia psicológica e por esse motivo recebemos várias cartas de encaminhamento tanto médicas quanto pedagógicas. Para qualquer tipo de queixa escolar, a diretoria recomenda que seja feito um re-

7. Segundo a Secretaria da Saúde, o convênio foi firmado com essa médica porque a região não conta com a atuação de outro profissional na área, porém, essa neurologista não atua no município, e sim numa cidade que fica a 75 km de distância, o que a impede de estabelecer diálogo com os profissionais que lhe encaminham crianças, como também de conhecer a realidade social e educacional do município.

lato por escrito⁸ sobre o aluno. Além desse relato, costuma-se chamar as famílias, que muitas vezes são aconselhadas a procurar ajuda médica. Alguns pais não concordam e se sentem ofendidos, pois recebem aquele encaminhamento como um apontamento de “loucura” contra o filho.

Nos dados da observação, é possível verificar que desde muito cedo crianças são encaminhadas por apresentarem diversas peculiaridades em seus comportamentos, como agitação, agressividade, displicência, desconcentração e até mesmo desobediência. Há uma intolerância em relação à dificuldade de adaptação da criança, e se ela apresenta alguma dificuldade no processo de alfabetização logo é vista pela equipe pedagógica como portadora de algum transtorno.

Professora: Nossa! Não sei o que vem acontecendo, tá difícil alfabetizar algumas crianças, viu? Vou encaminhar pra ver se você dá um jeito, pra mim eles têm algum problema na cabeça porque a gente fala, fala e parece que não entra.

Pesquisadora: Mas você nunca chegou a pensar que o sistema de ensino pode não estar adequado para aquela criança?

Professora: Ah! Eu não acredito nisso não, porque tem criança que pega rapidinho. Na minha opinião é problema na família, os pais não frequentaram a escola e a criança vem mais fraca, não tem estímulo em casa e ainda tem aquela coisa do pedigree, né? (Risos.)

Pesquisadora: Pedigree? Não entendi.

Professora: Raça, herança genética. Entendeu?

A fala da professora se aproxima do que coloca Foucault (2008), ou seja, a própria marcação binária que a sociedade estampa no homem desde a infância, essa divisão constante do *normal* e *anormal*, *apto* e *não apto* sempre relacionando o indivíduo à sua matriz, o que demonstra a mesma visão organicista e biologizante dos higienistas e eugenistas do início do século XX.

8. Apanhado assistemático de observações, relato por escrito das queixas.

Houve vários casos em que, no momento da observação participante, os professores apontavam as crianças como problemáticas, comentando inclusive que os pais já tinham sido avisados da necessidade de essa criança ser encaminhada.

Os relatos trazem em seu conteúdo descrições mais detalhadas sobre o que os educadores observam na criança, atitudes e reações, e, ao procurarem ajuda médica ou psicológica, os pais vão munidos desses relatos que muitas vezes são instrumentos decisivos no fechamento do diagnóstico, sem que haja uma construção social do mesmo, o que acaba causando uma legitimação de um sintoma individual na criança, próprio de um ideal liberal que protege a instituição, separando a criança do coletivo, reduzindo-a a um ser que, isolado, deve dar conta de suas manifestações insanas que não são aceitas no âmbito escolar.

Indisciplina, irritabilidade, hiperatividade, agressividade, desconcentração, dislexia, desinteresse, atraso cognitivo e imaturidade foram as palavras que mais apareceram nas queixas dos relatos pedagógicos. Já nas cartas enviadas pela neurologista, na grande maioria dos casos, houve diagnósticos de imaturidade neurológica e TDAH, acrescidos de comorbidades, que significa a presença de outros transtornos como: TDAH com Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD), TDAH com Transtorno de Conduta (TC), TDAH com Transtorno de Ansiedade (TA), TDAH com Transtorno de Humor Bipolar e TDAH com Transtorno Depressivo (TDM).

Assim, pode-se dizer que o professor, mesmo não tendo formação nenhuma na área da saúde, vem influenciando a decisão médica e conseqüentemente o tratamento medicamentoso, o que torna o sistema escolar muito mais ameaçador do que possa parecer, pois estamos falando de drogas que atingem o SNC e criam dependência química em crianças muito pequenas.